

RACISMO AMBIENTAL:

minorias étnicas tendem a ser mais afetadas por mudanças climáticas e outros efeitos antrópicos

O texto a seguir é uma publicação da revista bilingue Uniso Ciência, da Universidade de Sorocaba, para fins de divulgação científica.

The following story is part of the bilingual magazine Science @ Uniso, published by the University of Sorocaba, for the purpose of scientific outreach.

*Acesse aqui a edição completa/
Follow the link to access
the full magazine:*



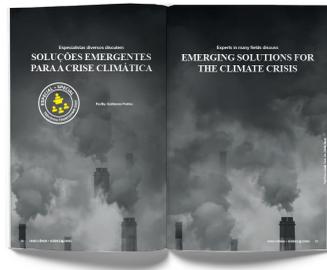
ENVIRONMENTAL RACISM:

ethnic minorities tend to be more affected by climate change and other anthropogenic effects

Por/By: Guilherme Profeta

Eventualmente, todos nós, independentemente de etnia e classe social, seremos afetados pelas **MUDANÇAS CLIMÁTICAS** (vide incêndios, enchentes e ondas de calor em diversas partes do mundo). Mas, definitivamente, esses efeitos não serão sentidos na mesma intensidade por todos os seres humanos do planeta: se nada for feito, zonas tropicais como a América Latina, a África e o Sudeste Asiático (espaços já marcados por séculos de herança colonial) deverão se tornar inabitáveis primeiro, muito antes dos demais. E esse não é um alerta novo: desde a década de 1990 — e insistentemente a cada ano que passava —, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), um braço da Organização das Nações Unidas (ONU), vem alertando o mundo para esse problema, culminando na 26ª Conferência da ONU sobre mudanças climáticas, ou **COP26**.

Siga os links para ler algumas das reportagens já publicadas sobre mudanças climáticas e a COP26:



Especialistas diversos discutem soluções emergentes para a crise climática (jun./2022)

Experts in many fields discuss emerging solutions for the climate crisis (Jun./2022)



Segundo o professor doutor Vidal Dias da Mota Junior, coordenador do curso de graduação em Filosofia da Universidade de Sorocaba (Uniso), que também leciona em diversos cursos de graduação da Universidade na área das Ciências Sociais, é justamente a gravidade desses alertas que colocam em evidência, na atualidade, a questão do racismo ambiental. O tema foi abordado numa das reuniões ordinárias do Núcleo de Cultura Afro-Brasileira (Nucab) da Uniso, em 2023.

Eventually, all of us, regardless of ethnicity and social class, will be affected by **CLIMATE CHANGE** (take as examples the fires, floods, and heat waves that are taking place all over the world). However, these effects will not be felt to the same extent by all human beings on the planet: if nothing is done, tropical zones such as Latin America, Africa, and Southeast Asia (regions already scarred by centuries of colonial heritage) will become uninhabitable first, long before others. And this is not a new warning: since the 1990s—and persistently with each passing year—the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC), a branch of the United Nations (UN), has been alerting the world to this problem, culminating in the 26th UN Conference on Climate Change, or **COP26**.

Follow the links to read some of the previously published stories on climate change and the COP26:



Para não esquecer da COP26 (jun./2022)

Remembering COP26 (Jun./2022)



According to professor Vidal Dias da Mota Junior, the coordinator of Uniso’s undergraduate program in Philosophy, who also teaches Social Sciences as part of several other undergraduate programs at the university, it is precisely due to the seriousness of these warnings that environmental racism became a hot topic, so to speak, in contemporary times. The issue was addressed as part of an ordinary meeting of Uniso’s Afro-

“Todos nós estamos expostos às mudanças climáticas, mas elas afetam principalmente as comunidades mais vulneráveis, aquelas que são carentes em infraestrutura, drenagem, saneamento, construções adequadas etc. Com essas mudanças, esses locais já vulneráveis — que constituem áreas de risco para alagamentos, inundações e deslizamentos, por exemplo — se tornam ainda mais vulneráveis. E, no caso do Brasil (ou mesmo de outros países como os Estados Unidos ou a África do Sul), são as populações negras que ocupam esses assentamentos, além de outros grupos minoritários”, explica o professor.

O processo de segregação urbana, que se torna mais perceptível nas grandes capitais pela formação de favelas, é um exemplo claro disso. Segundo Mota Junior, é uma tendência que a população que não dispõe de acesso a meios econômicos seja afastada para as franjas das cidades, onde inexistem políticas habitacionais, não raro em áreas de risco, como as encostas de montanhas. “Quando chove torrencialmente”, ele diz, “ocorrem tragédias nessas áreas, mas o mesmo não acontece em áreas igualmente montanhosas, mas em que estão localizados bairros com outros perfis populacionais, de classe média alta e população majoritariamente branca. Por que isso não acontece? Porque há, nesses lugares, a presença do Estado, porque há infraestrutura, porque as construções são erguidas de acordo com normas técnicas, porque há fiscalização e controle... Enfim, porque tais espaços são valorizados. Já para a população que não tem dinheiro — estrato em que, no Brasil, predominam pessoas negras —, não existe uma política habitacional. Esse é um direito que lhes vem sendo negado e, portanto, suas vidas estão expostas a risco.”

O professor propôs, aos participantes do Nucab e a todos os interessados — o que inclui você, leitor — um exercício prático para enxergar o fenômeno no dia a dia, onde quer que você esteja (ainda que em alguns lugares do mundo ele seja mais perceptível): “Pensando o racismo ambiental no prisma do urbano, você pode observar, por exemplo, a parte de sua cidade em que o lixo é

Brazilian Culture Center (Nucab, in the Portuguese acronym), in 2023.

“We are all exposed to climate change, but it mainly affects the most vulnerable communities, those that lack infrastructure, proper drainage, sanitation, adequate construction, and so forth. With these changes, these places that are already vulnerable—usually areas at risk for flooding and landslides, for example—become even more vulnerable. In the case of Brazil (and other countries like the United States or South Africa), these settlements are usually occupied by black populations, in addition to other minority groups,” the professor explains.

The process of urban segregation, which becomes more noticeable in large capitals due to the formation of slums (or *favelas*, in Brazilian Portuguese) is a clear example. According to Mota Junior, the population that does not have access to economic means tend to be moved to the outskirts of cities, where there are no housing policies, often in risk areas, such as mountain slopes. “Every time it rains heavily,” he says, “tragedies occur in these areas, but the same does not happen in neighborhoods located in equally mountainous areas, but with different population profiles, where the majority of the population is white and wealthy. Why doesn’t it happen there as well? Because, in these places, the State is present, because there is infrastructure, because the buildings are built in accordance with technical standards, because there is supervision and control... In short, because such spaces are more valued. As for the population that does not have money—a stratum in which, in Brazil, black people predominate—, there is no housing policy whatsoever. This is a right that has been denied to them and, therefore, their lives are exposed to these risks.”

To the members of Nucab and everyone else interested—which should include you, who is reading this story right now—, the professor proposes a practical exercise to observe the phenomenon anytime, anywhere (although it tends to be more noticeable in some regions of the world): “Thinking about environmental racism from an urban perspective, you can observe, for



Foto/Photo: NI (Adobe Stock)

Soweto, em Joanesburgo, na África do Sul, é um exemplo de área favelizada em que a população é majoritariamente negra, a exemplo das favelas brasileiras

Soweto, in Johannesburg, South Africa, is an example of a slum area where the population is mostly black, just like Brazilian *favelas*

recolhido e a parte em que o lixo é descartado; você pode observar a parte em que existe infraestrutura verde (parques e árvores) e a parte em que essa estrutura inexistente... Tudo isso é uma dimensão daquilo que vem sendo chamado de racismo ambiental, porque, quando se observa os bairros mais carentes, percebe-se que são nesses bairros em que a população negra costuma se concentrar. Nesses locais em que os dejetos são descartados e em que há menos cobertura vegetal, costuma

example, the areas of your city where garbage is collected and the other areas where garbage is disposed of; you can observe the areas where green infrastructure (such as parks and trees) is available, and the areas lacking such infrastructure... This represents a dimension of what has been called environmental racism, because, when one looks at the most disadvantaged neighborhoods, it should become evident that these are often the areas where the black population is more concentrated. In



Foto/Photo: Brasstock Images (Adobe Stock)

Em todo o mundo, e também no Brasil, minorias étnicas tendem a estar mais expostas a riscos ambientais

All over the world, also in Brazil, ethnic minorities tend to be more exposed to environmental risks

predominar um recorte de raça: minorias étnicas estão mais expostas a riscos de contaminação e a menores índices de qualidade de vida.”

Além dos exemplos diários que compreendem a rotina urbana, Mota Junior lembra de outros exemplos, emblemáticos por serem mais extremos: “Um caso brasileiro que retrata muito bem isso é o da Cidade dos Meninos, no Rio de Janeiro,

these places where waste is discarded, and where landscaping is not a concern, one should notice a form of racial profiling emerging: these are the places where ethnic minorities are more exposed to contamination risks and experience lower levels of quality of life.”

In addition to the daily examples that become part of the urban routine, Mota Junior recalls other examples, emblematic for being more extreme: “A

um internato para crianças retiradas das ruas, ao lado do qual se instalou, na década de 1950, uma indústria química estatal que produzia pesticidas. Essa indústria acabou contaminando tudo ao seu redor, incluindo as pessoas, majoritariamente negras. Até hoje a área segue contaminada, sendo sistematicamente ocupada por favelização. E quem é que está lá, ainda hoje? É população negra e periférica do Rio de Janeiro. Outro caso é o das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, afetadas pelas atividades de mineração que ocorrem na região. Hoje, a população ribeirinha dessa localidade apresenta em seus corpos uma concentração de chumbo 10 vezes maior do que aquela recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), porque nenhuma medida foi tomada para evitar a sua contaminação. E quem é que está sendo afetado, mais uma vez? Aquela população que depende do recurso hídrico, ou seja, do rio, para poder sobreviver: dezenas de comunidades negras, com suas culturas e seus modos de viver, que adoecem e morrem em decorrência disso.”

Em suma, o racismo ambiental é uma forma de discriminação que afeta aquelas populações que, por serem historicamente marginalizadas, acumulam menos direitos e recursos, concentrando-se em áreas mais sujeitas a condições ambientais adversas, e menos sujeitas a recursos naturais saudáveis (as próprias zonas tropicais, numa perspectiva global de grandes mudanças climáticas, e as zonas periféricas dos espaços urbanos, numa perspectiva mais regional). Vale lembrar, por fim, que essa é uma discussão diretamente relacionada à **NECROPOLÍTICA** — um conceito decolonial em sua essência, que teve origem em autores negros.

“Isso porque existe, sim, um processo deliberado de correr riscos, já que desde a década de 1940, sabe-se das consequências negativas da industrialização e da contaminação para a qualidade de vida”, conclui o professor. “Porém,

Brazilian case that portrays this very well is the story of *Cidade dos Meninos*, a boarding school for children removed from the streets in Rio de Janeiro, next to which a chemical industry that produced pesticides was installed, back in the 1950s. This industry ended up contaminating everything around it, including people, who happened to be mostly black. To this day, the area remains contaminated, being systematically occupied by slums. And who is still there today? A population comprised of black and poor people from Rio de Janeiro. Another case is that of the *quilombola* communities in the Ribeira Valley, in São Paulo. These are communities formed by descendants of individuals who escaped from slavery during colonial Brazil, thus establishing independent settlements that last to this day. In that valley, these communities were affected by the mining activities that took place in the region. Nowadays, that riverside population has a concentration of lead in their bodies which is ten times higher than the one recommended by the World Health Organization (WHO). No measures were taken to prevent their contamination. And who is being affected, once again? Dozens of black communities that depend on the resources of the river in order to survive, with their own cultures and ways of living, who fall ill and die as a result.”

In short, environmental racism is a form of discrimination that affects populations that have been historically marginalized, resulting in the accumulation of fewer rights and resources. As a consequence, these communities often find themselves residing in areas prone to adverse environmental conditions, and where valuable natural resources tend to become scarce (from a global perspective of major climate change, these areas will likely be the tropical zones; on a regional scale, examples include the outskirts of large urban areas). Finally, it is worth noting that this discussion is directly related to **NECROPOLITICS**—a decolonial concept at its core, invented by black authors.

“There is indeed a deliberate process of risk-taking, given the fact that we have been aware of the negative consequences of industrialization and contamination on the quality of life of humans

PARA SABER MAIS: NECROPOLÍTICA

Necropolítica foi o termo que o filósofo camaronês Achille Mbembe criou para descrever as formas de organização social humana em que o Estado tem o poder de decidir quem vive e quem morre. O segundo grupo, que é abandonado para morrer, é posicionado em “zonas de morte” — que podem ser imaginárias, ideológicas, mas também podem se manifestar fisicamente (como no caso do racismo ambiental). Numa condição de necropolítica, a morte de determinados grupos é considerada, pela sociedade de forma geral, mais aceitável do que a de outros.

TO KNOW BETTER: NECROPOLITICS

Necropolitics was the term that Cameroonian philosopher Achille Mbembe created to describe those forms of human social organization in which the State holds the power to decide who lives and who dies. Those relegated to the second group, destined to die, are often placed in “death zones”—which can be imaginary ideological zones, but can also manifest physically (as in the case of environmental racism). In a condition of necropolitics, society tends to perceive the death of certain groups as more acceptable than the death of others.



Siga o link para ler outra reportagem sobre necropolítica:

Follow the link to read another story on necropolitics:

Necropolítica em *The Last of Us*: jogo digital explorou consequências do estado de pandemia (junho/2023)

Necropolitics in *The Last of Us*: videogame explored the consequences of a pandemic state (Jun./2023)



quando não são tomadas medidas efetivas para se combater esses riscos, estamos falando, na verdade, de um projeto de morte — que é o cerne da necropolítica —, mas de uma morte que, em vez de afetar a todos de forma generalizada, afeta determinados corpos mais do que outros. E quais são esses corpos fadados à morte, no fim das contas? Via de regra, são os corpos que têm mais pigmentação na pele. Essa é, também, uma forma de racismo, que muitos definem como velada, mas que, na verdade, é bastante explícita.”

since the 1940s,” the professor argues. “However, when there are no effective measures to mitigate these risks, we are actually talking about a project of death—the very core of necropolitics. But it is a form of death that, instead of affecting everyone equally, affects certain bodies more than others. And what do these bodies that are doomed to death have in common, after all? As a rule, they have more pigmentation in their skin. This is also a form of racism, which many would define as veiled, but is in fact quite explicit.”